

# A viagem como processo de formação em América de Monteiro Lobato

*Journey as a formation process in América by Monteiro Lobato*

*El viaje como proceso formativo en América de Monteiro Lobato*

*Le voyage comme processus de formation dans América par Monteiro Lobato*

**Milena Ribeiro Martins**



Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil

[milenamartins@ufpr.br](mailto:milenamartins@ufpr.br)

**Vanessa de Paula Hey**



Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil

[vani\\_de\\_paula@hotmail.com](mailto:vani_de_paula@hotmail.com)

## Resumo

O presente artigo tem por objetivo analisar a representação da “viagem” na obra *América*, de Monteiro Lobato. Por meio de reflexões comumente suscitadas nos estudos das narrativas de viagem, discutiremos a forma como os dois personagens dessa obra apresentam alguns aspectos dos Estados Unidos do final da década de 1920. Para além das descrições bastante visuais dos espaços visitados, a narrativa também se constrói por meio de diálogos que manifestam ideias e opiniões sobre o contexto econômico, social e cultural norte-americano, reflexões que se voltam, em seguida, para a sociedade brasileira.

**Palavras-chave:** narrativas de viagem; *América*; Monteiro Lobato.

## Abstract

*This article aims to analyze the representation of “journey” in the work América, by Monteiro Lobato. Through reflections commonly raised in the studies of travel narratives, we will discuss how the two characters in this work present some aspects of the United States of the late 1920s. In addition to the very*

*visual descriptions of the visited spaces, the narrative is also constructed through dialogues that express ideas and opinions about the North American economic, social and cultural context; reflections that then turn to Brazilian society.*

**Keywords:** *travel narratives; América; Monteiro Lobato.*

### **Resumen**

*Este artículo tiene como objetivo analizar la representación del “viaje” en la obra América, de Monteiro Lobato. A través de reflexiones comúnmente planteadas en los estudios de narrativas de viajes, discutiremos cómo los dos personajes de esta obra presentan algunos aspectos de los Estados Unidos de fines de la década de 1920. Además de las descripciones muy visuales de los espacios visitados, la narrativa también se construye a través de diálogos que expresan ideas y opiniones sobre el contexto económico, social y cultural de América del Norte; reflexiones que luego se dirigen a la sociedad brasileña.*

**Palabras clave:** *narrativas de viajes; América; Monteiro Lobato.*

### **Résumé**

*Cet article a pour objectif d’analyser la représentation du «voyage» dans América, par Monteiro Lobato. À travers des réflexions couramment suscitées dans les études de récits de voyage, nous discuterons la manière dont les deux personnages de cette œuvre présentent certains aspects des États-Unis de la fin des années 1920. En plus des descriptions très visuelles des espaces visités, le récit se construit également par des dialogues qui expriment des idées et des opinions sur le contexte économique, social et culturel nord-américain; réflexions qui se tournent en suite vers la société brésilienne.*

**Mots-clés:** *récits de voyage; América; Monteiro Lobato.*

## **Introdução: antes da viagem**

*América*, obra de Monteiro Lobato (1882-1948) publicada em 1932, apresenta-se como um texto híbrido – “o livro não é um relato de viagem *stricto sensu*; é uma narrativa ficcional de gênero híbrido, na qual se mesclam elementos dos gêneros crônica, relato de viagem e romance de ideias” (MARTINS, 2017, p. 25-26, grifo do autor). Nele, dois personagens discutem questões relacionadas à nação norte-americana, tanto aquelas que dizem respeito a sua economia, política e organização social, quanto as que

se referem a costumes e manifestações culturais daquela sociedade – os Estados Unidos do final da década de 1920 e início dos anos 1930.

O livro herda elementos de obras imediatamente anteriores.

O romance *O choque das raças* (que depois viria a se chamar *O presidente negro*), de 1926, tem em comum com *América* a ambientação, o encontro entre desiguais e o ímpeto de analisar sociedades. Parte da trama distópica se ambienta nos Estados Unidos, cuja sociedade futura é perscrutada pelos cientistas estrangeiros, professor Benson e Miss Jane. Ao lado deles e aprendendo com eles, numa postura subserviente, está um ingênuo narrador brasileiro (LOBATO, 2008).

Antes de ser publicado em livro, *O choque das raças* havia saído nas páginas do jornal carioca *A Manhã*, em setembro e outubro de 1926 (MINCHILLO, 2014, p. 189). Em outubro e novembro do mesmo ano, Lobato publicaria artigos sobre Henry Ford no periódico carioca *O Jornal*. Traduzidos para o inglês, os textos foram publicados no opúsculo *How Henry Ford is regarded in Brazil* (1926). Segundo Sebe Bom Meihy (2014, p. 205), os artigos desse livro “permite[m] ver, na efervescência de ideias desdobradas do culto às máquinas, um momento singular, de avanços práticos em favor da industrialização apontada como redentora e única saída para o Brasil”. O vínculo entre esse opúsculo e *América* reside na centralidade dos discursos sobre o desenvolvimento industrial.

A atuação jornalística de Lobato continuou incansável ao longo do tempo em que ele residiu no Rio de Janeiro. Em dezembro de 1926 e janeiro de 1927, o escritor publicou no mesmo *O Jornal* diálogos ficcionais (embebidos numa retórica realista) em que surge pela primeira vez o personagem inglês Mister Slang, que reapareceria em *América*. Os textos ganhariam unidade em 1927, quando reunidos no livro *Mister Slang e o Brasil: colóquios com o inglês da Tijuca*. Segundo informa Tâmara Abreu (2014, p. 219, grifo do autor), o livro “vem a público exatamente quando seu autor fazia as malas para zarpar com sua família no navio *American Legion*, a fim de assumir um cargo diplomático nos Estados Unidos”.

Foi, portanto, “antes de viajar para New York que o escritor começou a incluir o cenário norte-americano em sua ficção” (LAJOLO, 2009, p. 47). Lobato voltaria ao Brasil em 1931, e publicaria *América* em 1932. Desde o título, obviamente, percebe-se a centralidade da experiência biográfica norte-americana na obra do escritor; de modo menos evidente, mas ainda importante, sua obra infantil também seria indelevelmente marcada por essa viagem.

## **Das formas de se ler *América***

Em *América*, um narrador brasileiro (não nomeado) e seu interlocutor inglês, Mister Slang, percorrem diversos lugares nos Estados Unidos (museus, bibliotecas, arranha-céus, ruas, estradas, cafés, cinemas, teatros etc.), passando a impressão, por vezes, de se tratar apenas de um relato tradicional de viagem; porém, essa noção é superada pelas reflexões feitas acerca desses mesmos espaços. Os diálogos construídos apresentam opiniões e possíveis explicações para o progresso e desenvolvimento científico e tecnológico da nação norte-americana, como um elogio ao grau de modernização alcançado por essa sociedade – “faceta pela qual o livro é mais conhecido” (MARTINS, 2008, p. 4).

As reflexões sobre o progresso alcançado pelos Estados Unidos também se dirigem ao Brasil, uma vez que procuram interpretar a situação deste país (que de acordo com os personagens estaria aquém de suas potencialidades) e apresentar sugestões para seu desenvolvimento econômico e social, tais como: o investimento em propaganda, a abertura de estradas e a criação de mecanismos de comunicação eficientes (MARTINS, 2008, p. 6).

Dessa obra, para além dos posicionamentos a respeito da industrialização, do crescimento econômico e da modernização das estruturas sociais (de que são exemplos o voto secreto e a presença das mulheres nas ruas e no mercado de trabalho), vinculados aos costumes e ao modo norte-americano de agir, podem ser extraídas reflexões relacionadas às produções artísticas e culturais daquela sociedade. Em *América*, o leitor tem contato com uma nação que caminha a passos rápidos nesse processo de modernização – tão desejado naquele momento, segundo os personagens.

Ainda que *América* seja uma das obras menos abordadas nos estudos acadêmicos sobre o autor, ela aparece sempre comentada e brevemente analisada em suas biografias, tais como *Monteiro Lobato Vida e obra*, de Edgard Cavalheiro (1955); *Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia*, de Carmen Lucia de Azevedo, Márcia Camargos e Vladimir Sacchetta (2001); e *Monteiro Lobato: um brasileiro sob medida*, de Marisa Lajolo (2000). Nelas, apresentam-se, em grande parte, leituras que associam os episódios relatados em *América* à experiência norte-americana de Monteiro Lobato – estudada por meio da correspondência e de relatórios produzidos pelo autor no momento em que atuou como adido comercial nos Estados Unidos.

Esses trabalhos sugerem uma relação muito próxima entre o conteúdo de *América* e a realidade empírica de seu sujeito biográfico, aspecto que os aproxima das interpretações feitas por Carmen Lúcia Felgueiras (2001) e Sérgio Lamarão (2002).

Para além da discussão de *América* como um dos resultados da experiência de Lobato nos Estados Unidos, esses trabalhos dão destaque ao elogio acentuado, presente na obra, ao grau de desenvolvimento e modernização a que chegara a sociedade norte-americana daquela época, que tem como contraponto a situação de “atraso” do cenário político, econômico e social brasileiro – perspectiva fundamentada na postura assumida por Lobato, tema amplamente discutido em muitas de suas obras, em especial em seus contos e artigos jornalísticos.

Ainda que as reflexões e ideias discutidas por Mister Slang e pelo narrador se aproximem, por vezes, da imagem de seu autor empírico, dos seus posicionamentos críticos e opiniões, nossa leitura vai em direção diversa ao considerar que Lobato constrói em sua narrativa dois indivíduos ficcionais, cujas identidades são relativamente autônomas em relação à identidade do sujeito biográfico. Analisamos, pois, essa obra mais por suas representações ficcionais do que por aspectos que poderiam ser considerados biográficos.

Além disso, sugerimos aqui um modo de se ler *América*, não como um texto que elogia acriticamente os processos de modernização dos Estados Unidos, estando, portanto, colado à interpretação que os personagens fazem do cenário que apresentam e analisam, mas dando destaque à crítica, também presente no texto lobatiano, aos custos e às consequências desse mesmo desenvolvimento. São visões que se opõem, por exemplo, à estandardização e à homogeneização, consequências da industrialização e da massificação da sua produção.

No nível formal, lemos *América* como uma obra híbrida, que mistura em sua composição elementos de diferentes tipos de narrativa, ainda que escolhamos privilegiar, no presente artigo, a leitura daqueles que se aproximam do gênero narrativa de viagem.

### **Narrativas de viagem**

Até que ponto a narrativa de viagem pode ser lida como ficção? É possível analisá-la apenas por seus aspectos documentais, ou através apenas de seu caráter ficcional? Para ser considerado narrativa de viagem, deve o relato ser inteiramente pautado na

experiência de viagem? Existem limites para esse gênero literário? Autor e narrador se confundem nessas produções? Como, enfim, caracterizá-la de modo objetivo?

Questões como essas são problematizadas por estudiosos de narrativas de viagem (ÁVILA, 2016; MACHADO; PAGEAUX, 1988). Apesar de se apresentar como um conjunto vasto e complexo de obras, as narrativas de viagem costumam ser analisadas bem mais por seu caráter factual do que ficcional, aspecto que as aproxima dos gêneros diário e autobiografia. O caráter factual também tem sido privilegiado por alguns leitores de *América* (CAVALHEIRO, 1955; FELGUEIRAS, 2001; LAMARÃO, 2002).

Nosso objetivo aqui é dispor das reflexões comumente suscitadas nos estudos do gênero “narrativas de viagens” para discutir a representação da viagem empreendida pelos personagens de *América*.

Em *Diários de escritores* (2016), por exemplo, Myrian Ávila discorre, dentre outros assuntos, sobre os processos de fixação de textos (em especial diários de viagem) por autores. Segundo ela, ainda que os autores tentem se conservar fiéis às experiências de viagem e atender às expectativas do público leitor – dois extremos em meio aos quais os escritores viajantes oscilam no processo de transformar a experiência vivida em obra –, os relatos de viagem, resultados desses esforços, jamais serão figurações de uma experiência “idêntica à realidade crua” (ÁVILA, 2016, p. 88); eles serão antes o:

[...] produto de operações mentais de produção de memória, sempre ligadas a algum conhecimento prévio – vale dizer: a textos prévios. De forma a ser compartilhada, a experiência tem de se tornar um texto. Se a escrita possui esse inevitável caráter de secundidade, qualquer texto é uma representação na qual a verossimilhança deve ocupar o lugar da veracidade. E, mais uma vez, a verossimilhança só pode ser medida a partir da expectativa criada por leituras prévias. (ÁVILA, 2016, p. 88).

Tal proposição – especialmente no que se refere ao caráter de representação verossímil, em oposição à veracidade da experiência – é central para a análise que faremos, adiante, de *América*.

Além disso, Ávila (2016) afirma que o grau de verossimilhança varia de acordo com a expectativa de seu público leitor que, por sua vez, oscila a depender da sua experiência com outras obras do mesmo gênero ou do mesmo autor. A relação entre

leitor e obra se processa através de um pacto factual ou ficcional, ou mesmo da mistura ou alternância dos dois – como acreditamos ter sido o caso das muitas leituras feitas dessa obra lobatiana.

Ao considerarmos *América* uma narrativa ficcional que recorre à experiência da viagem, aproximamo-nos, portanto, de uma leitura que tende mais à análise de suas representações ficcionais do que de aspectos biográficos que ela inevitavelmente contém. Além disso, parece insuficiente ler *América* como um tradicional relato de viagem, uma vez que, mais do que isso, a narrativa representa um conjunto de viagens por diversas paisagens norte-americanas, entre elas as paisagens histórica, cultural, literária, arquitetônica, política, social e econômica.

### **A viagem em *América***

De forma semelhante às narrativas de viagem do período das grandes navegações, as quais tinham entre os seus propósitos informar aos colonizadores europeus sobre as características dos territórios “recém-descobertos” – descrições de suas paisagens naturais, habitantes, animais, plantas e, principalmente, dos recursos disponíveis para a subsequente exploração –, *América* também parece ter sido estruturada de forma a apresentar aos leitores brasileiros aquilo que, em termos econômicos, sociais e culturais, poderia ser encontrado nos Estados Unidos do final da década de 1920 e início dos anos de 1930.

Ao apresentar um conteúdo potencialmente desconhecido do público a que se destinam, as narrativas de viagem se ocupam de um elemento bastante caro a esse gênero literário, a saber, a curiosidade do leitor quanto àquilo que lhe é estrangeiro e, portanto, estranho. Nesse sentido, é compreensível que, em muitos dos episódios que compõem *América*, os personagens assumam, frente à essa nova realidade que os fascina, um tom de elogio e celebração durante a apresentação de aspectos dessa sociedade, especialmente os que a diferenciam de outras nações. Ilustrativa desse tom elogioso é a consideração a respeito do grau de desenvolvimento e modernização alcançado pela nação norte-americana, que colocava esse país em posição de destaque no contexto global, sobretudo se comparado às antigas potências econômicas, os países europeus que, na época, enfrentavam a recessão pós-guerra.

O rápido crescimento econômico a que chegaram os Estados Unidos do final da década de 1920, assim como o ritmo de modernização do país, associado princi-

palmente a seus processos mais aparentes de industrialização e urbanização, são referidos em *América* como “fenômeno americano”, anunciado já no prefácio da obra como incompreensível:

A incompreensão do fenômeno americano pode filiar-se à natural incompreensão que o carro de trás sempre há de ter da locomotiva. Há muito pouco “Hoje” no mundo. Na própria Europa o “Ontem” ainda atravanca a mor parte dos países. Naturalíssima, pois, a geral incompreensão relativa ao único povo onde o “Amanhã” da humanidade já vai adiantado. (LOBATO, 2009, p. 27).

O que de início é referido como incompreensível para o narrador recém-chegado aos Estados Unidos – assim como para leitores brasileiros que desconhecassem o país, de que talvez só tivessem ouvido falar – está associado à distância entre, de um lado, aquilo que os Estados Unidos haviam conquistado no âmbito econômico, tecnológico e social e, de outro, as demais nações, as quais, de acordo com o prefácio, estariam longe de experimentar semelhante nível de prosperidade. Desse sucesso provém, segundo Mister Slang, o “interesse tremendo que o mundo mostra hoje pelos Estados Unidos. Todos sentem, reconhecem, que as possibilidades da América são ilimitadas – note bem: ilimitadas!” (LOBATO, 2009, p. 237-238).

O desafio proposto pelo prefácio – e que percorre a obra como um todo – no que se refere à compreensão do grau de desenvolvimento dos Estados Unidos também serve à reflexão sobre os caminhos que poderiam levar a sociedade brasileira à superação de sua condição de país subdesenvolvido.

Essa condição não se alteraria para o Brasil, como supõe o prefácio, caso o país continuasse a ter como modelo de desenvolvimento econômico e social a Europa, aí caracterizada como o lugar do atraso, como um continente que não acompanhava o ritmo de crescimento e modernização observado nos Estados Unidos – lugar do futuro, e que, por isso, servia de referência, de estímulo à “reflexão sobre alternativas criativas, sobre novos modos de agir, de pensar e também de participar do mercado econômico internacional” (MARTINS, 2008, p. 63).

Nesse sentido, o “fenômeno americano” funciona na narrativa como uma espécie de enigma a ser decifrado. Através da viagem desses dois personagens, a obra convida os leitores a descobrirem os caminhos que levaram os Estados Unidos a semelhante nível de progresso e modernização.

*América* apresenta-se, dessa maneira, como um livro de crônicas de viagem que fornecerá algumas das respostas capazes de analisar o “sucesso norte-americano”, e terá como seu guia o inglês Mister Slang, responsável por conduzir o narrador e também os leitores – com suas opiniões, reflexões e ideias – por esse novo mundo a ser desbravado.

Nota-se ainda que as impressões do narrador e os diálogos entre ele e Mister Slang, ao passearem pela e conversarem sobre a América, para além de se destinarem a um público estrangeiro (o brasileiro), também são construídos através de uma perspectiva estrangeira (uma brasileira e outra inglesa). Isso significa, entre outros aspectos, apresentar aos leitores fragmentos de uma outra realidade, a norte-americana, através de olhares não viciados, ou seja, diferentes daqueles para quem essa realidade representava o cotidiano, o rotineiro, o dia a dia de suas experiências de vida. Assim, porque estamos estudando uma narrativa de viagem, faz-se necessário atentar não apenas para o universo cultural do espaço visitado, mas também para o lugar de origem e a bagagem cultural dos viajantes, uma vez que suas impressões podem dizer bem mais sobre o “âmbito cultural do próprio viajante do que [sobre] o lugar visitado” (JUNQUEIRA, 2011, p. 45), ainda que deste também fale.

Os relatos de viagem são marcados, nesse sentido, “por uma experiência de alteridade, pelo encontro com o ‘outro’, pela construção de um olhar sobre o ‘outro’” (SCHEMES, 2015, p. 1), e podem resultar tanto na (parcial) confirmação de estereótipos quanto na surpresa e estranhamento frente ao inesperado (SCHEMES, 2015, p. 3). Basta analisar, afinal, em que medida os relatos resultam em observações críticas e independentes ou são apenas reproduções daquilo que já se ouvira tanto falar.

Em *América*, são os pontos de vista estrangeiros – aliados ao elemento comparativo utilizado por Mister Slang para mensurar outras nações pela régua dos Estados Unidos – que refletem e analisam esse país e os assuntos que por lá circulavam (e que à nação diziam respeito). Essa estratégia narrativa parece ter como propósito estabelecer uma aproximação e identificação entre os potenciais leitores dessa obra, a elite brasileira da época, e as vozes que emitem, em *América*, os juízos de valor sobre os Estados Unidos.

Vejamos agora de que forma essas questões são representadas e discutidas em *América*.

Mister Slang e narrador, motivados pelo passeio através de estradas e áreas rurais norte-americanas, discutem a velocidade com que a modernização acontece nos Estados Unidos. Para o narrador, a “rápida maquinização da América” gera dificuldades de ajustamento, levando muitos a serem excluídos do processo por não acompanharem

o seu ritmo. Mister Slang, por sua vez, acredita que só resta aos “alijados precipitarem a marcha da adaptação”, afinal, “a América impõe rapidez de julgamentos e trote largo: quem for lerdo da cabeça ou de movimentos que emigre, para não ser esmagado. Países onde ninguém corre não faltam...” (LOBATO, 2009, p. 81).

Logo no início do capítulo IX, essa discussão é retomada pelo inglês:

– Essa questão está sendo muito debatida – continuou Mister Slang. – Um bispo inglês chegou a lançar a ideia dum período de férias para a ciência, cinco ou dez anos, por exemplo, durante os quais nada se inventasse, nem melhoramento nenhum fosse introduzido nas máquinas existentes. Muita gente chegou a discutir a sério essa proposta à Swift. Edison teria de ser amordaçado, ou multado, se aparecesse com um dos seus habituais benefícios à humanidade. Por que a invenção é sempre isso – mal momentâneo para uma classe, benefício tremendo para a maioria. (LOBATO, 2009, p. 83).

A proposta de uma pausa para a ciência reflete o incômodo daqueles que, como o bispo inglês, sentem-se diante das constantes e intempestivas mudanças desencadeadas pelos processos de modernização, as quais não conseguem assimilar de maneira satisfatória, o que faz com que se sintam ou, de fato, sejam excluídos de sua dinâmica. A instabilidade tão própria dos tempos modernos parece não assustar Mister Slang, para quem o progresso se configura como um movimento de “equilíbrio – ruptura – reajuste” (LOBATO, 2009, p. 83), como um caminho natural para países que, como os Estados Unidos, quisessem se destacar como potências econômicas mundiais.

Nesse mesmo capítulo, os dois personagens visitam o Museu Comercial da Filadélfia, no qual há uma seção dedicada ao Brasil, “com tudo quanto o Brasil podia apresentar ao estrangeiro naquela época” (LOBATO, 2009, p. 85) – referência à visita do imperador Dom Pedro II, em 1876, aos Estados Unidos. O narrador se assusta ao constatar que, mais de 50 anos depois, o Brasil ainda apresentava as mesmas coisas: “minerais, fibras, tralha de índio, café (não valorizado), borracha” (LOBATO, 2009, p. 85) – ou seja, produzia “os seus eternos produtos coloniais”, ocupando ainda a posição “eterna de colônia produtora de matéria-prima” (LOBATO, 2009, p. 85).

Para além desses produtos, o Brasil também era conhecido, como informa a narrativa, pela ópera *O guarani*, de Carlos Gomes, pela castanha-do-pará (*Brazilian nuts*), e pela pianista Guiomar Novaes. Para Mister Slang, eram produtos e símbolos

quase insignificantes do ponto de vista dos Estados Unidos “de duzentos quilômetros por hora, sem tempo para dar atenção a quem está fora do movimento – ou muito longe” (LOBATO, 2009, p. 87). O Brasil avaliado a partir de um ponto de vista estrangeiro – norte-americano e inglês –, mesmo com o seu “Amazonas, os [seus] oito milhões de quilômetros quadrados, o Pão de Açúcar, o Café, o Babaçu, Santos Dumont, [...]” (LOBATO, 2009, p. 87) ainda era visto como uma nação pouco influente, que não havia superado o status colonial, já que incapaz de produzir riquezas para o seu próprio desenvolvimento e independência, como também de alcançar prestígio internacional almejado por muitos brasileiros, segundo afirma Mister Slang, preocupados com a imagem do Brasil no exterior: “Que não dirá o estrangeiro?” (LOBATO, 2009, p. 87).

Essa discussão, quase uma palestra de Mister Slang sobre política econômica externa, apresenta ideias que tentam esclarecer os motivos pelos quais o Brasil ocupava a posição de nação subdesenvolvida, com pouca relevância no cenário global. O pouco investimento em estradas, a falta de um sistema de comunicações eficiente, a lenta mecanização do campo e o igualmente lento desenvolvimento da industrialização brasileira corroborariam, segundo o personagem, para um cenário de modernização tardia. Somando esses fatores, o filósofo inglês diagnostica o fracasso do Brasil em seguir o ritmo de crescimento das demais potências mundiais. Essa situação, não por acaso, é similar à do bispo inglês que, para conseguir acompanhar o compasso da modernidade, sugere uma pausa. Já que esta não era possível, ele, como muitos, seria deixado de lado.

Ao longo da obra, discussões como essa conduzem o narrador, e também os leitores brasileiros, pelos caminhos trilhados pela nação norte-americana, os quais deveriam servir de modelo aos que buscassem atingir níveis similares de modernização. Em vários momentos da obra, essa trajetória, como vimos, tem como contraponto a situação brasileira que, segundo os personagens, estaria aquém de suas potencialidades.

*América*, por sua estrutura dialogada mais aparente, remete ainda a uma das vertentes do processo de formação cultural tal qual descrito por Antoine Berman através do conceito de *Bildung*. Em seu artigo, intitulado “Bildung et Bildungsroman”, o autor explica:

A palavra alemã *Bildung* significa, genericamente, “cultura” e pode ser considerada o duplo germânico da palavra *Kultur*, de origem latina. Porém, *Bildung* remete a vários outros registros, em virtude, antes de tudo, de seu riquíssimo campo semântico: *Bild*, imagem, *Einbildungskraft*, imaginação, *Ausbildung*,

desenvolvimento, *Bildsamkeit*, flexibilidade ou plasticidade, *Vorbild*, modelo, *Nachbild*, cópia, e *Urbild*, arquétipo. Utilizamos *Bildung* para falar no grau de “formação” de um indivíduo, um povo, uma língua, uma arte: e é a partir do horizonte da arte que se determina, no mais das vezes, *Bildung*. Sobretudo, a palavra alemã tem uma forte conotação pedagógica e designa a formação como processo. Por exemplo, os anos de juventude de Wilhelm Meister, no romance de Goethe, são seus *Lehrjahre*, seus anos de aprendizado, onde ele aprende somente uma coisa, sem dúvida decisiva: aprende a formar-se (*sich bilden*). (BERMAN, 1984, p. 142, grifo do autor).

Por seu caráter dinâmico, *Bildung* se desdobra, segundo o autor, em várias outras acepções. Pode designar, por exemplo, um processo relacionado à ação prática (*Bildung* como trabalho); um movimento de adaptação (*Bildung* como tradução); um modelo ou arquétipo (*Bildung* como filologia); e, enfim, o que aqui mais nos interessa, uma viagem.

*Bildungsreise* refere-se, nesse sentido, a uma de “viagem de formação”, representa a experiência do viajante em direção ao “outro”, para ele, estrangeiro. Num movimento dialético, o viajante alcança, em razão do percurso, a sua própria formação. Para Berman (2013, p. 111), o conceito faz menção ainda “[à] passagem pelo estrangeiro para atingir o próprio que estava sendo questionado”, configurando-se como uma viagem “[...] cuja essência é lançar o ‘mesmo’ num movimento que o torna ‘outro’” (BERMAN, 1984, p. 147).

Viajar em direção ao “outro” para formar-se a si é prova de alteridade, já que para “tornar-se o que é o viajante experimenta aquilo que não é, pelo menos, aparentemente” (BERMAN, 1984, p. 147), estando ainda “subentendido que, [ao] final do processo, ele encontra a si mesmo” (BERMAN, 1984, p. 147).

Em *América*, o narrador busca entender com maior profundidade características da sociedade norte-americana e de sua formação, aquilo que havia feito dos Estados Unidos uma potência mundial; essa busca se faz por meio do contato com os espaços, a história, a política, a economia, os costumes e modos de agir norte-americanos, assim como através dos assuntos que por lá circulavam e que diziam respeito a essa nação. No plano textual, é evidente a variedade de assuntos discutidos; de modo menos evidente, mas igualmente importante, o estudo da gênese do livro documenta a incorporação de textos alheios ao discurso ficcional, o que o torna mais polifônico do que se pode supor numa primeira leitura:

[...] o livro não é unívoco: ele se constrói por meio da incorporação e discussão de textos que circulavam em jornais e livros americanos; assim, uma variedade de vozes e pontos de vista é incorporada às falas dos dois personagens. E é por meio desse recurso que algumas das complexidades e contradições da sociedade norte-americana também são representadas nesse livro. (MARTINS, 2017, p. 26).

O caminho de descoberta percorrido pelo narrador inclui, num primeiro momento, a ação de mover-se em direção ao outro com o intuito de explorar aspectos da experiência norte-americana e, a partir dela, confrontar-se com a realidade de seu país. A viagem pelo estrangeiro e a discussão de textos estrangeiros possibilita, assim, a formação de um outro olhar sobre os Estados Unidos e também sobre sua terra natal, como um movimento de (re)descoberta manifesto, por vezes, em tons melancólicos.

Parte da comoção que o narrador sente frente ao que aprendeu nessa viagem – visível pelo tom de elogio que emprega na apresentação da América – deve-se tanto à experiência recém-adquirida dessa situação de deslocamento (o seu caráter de novidade) quanto à percepção da grande distância que separava esses dois países. As primeiras impressões que tem sobre os Estados Unidos são tão positivas que ele chega a desejar que aquela fosse a realidade de seu país natal.

### **A outra viagem em América**

Ao lado dos episódios que apresentam e discutem o sucesso econômico e o desenvolvimento industrial da América, os diálogos também analisam aspectos não tão elogiáveis dessa sociedade, tais como a existência de organizações de censura, o abuso de crédito, o consumo exacerbado, o movimento de padronização e a perda da individualidade. Ainda que figuradas em menor quantidade, as consequências desse processo de modernização servem de contraponto aos frequentes elogios. É o que se pode ver, por exemplo, neste trecho do capítulo XXXII:

– Gostemos ou não – disse ele –, tenhamos ou não o índice adaptativo exigido pela marcha das coisas *yankees*, somos forçados a aceitar o contato dos nossos contemporâneos, hoje muito mais íntimo, muito mais intrusivo do que no tem-

po de Thoreau. Ignoro se é para bem ou para mal nosso que progredimos em corporatividade e diminuimos em indivíduo. Vamos tendendo para uma vida da colmeia, onde o indivíduo não conta. A marcha para frente é dirigida, mais e mais, por fatores corporados, com rumo a um ideal coletivo. O motor e a eletricidade como os temos agora, a imiscuirem-se em quase todos os atos da nossa vida diária, nos gregarizam mil vezes mais do que no tempo de Thoreau. E dada a ojeriza de Thoreau por *encroachments*, creio que se vivesse hoje esconder-se-ia no fundo do lago, em vez de o fazer na cabana construída à margem.

A independência pessoal que o levou a vir filosofar neste silêncio está hoje moribunda, graças ao incansável avanço da máquina. Vai-nos ela transformando em abelhas. Presos na sua engrenagem, o esperar dos indivíduos se torna pueril. As novas adaptações econômicas – a produção em massa, a entrefusão das empresas (*mergers*), os chain stores, os *chain* teatros, os *chain* jornais e todas as modalidades do emassamento, da coletivização, nesta guerra contra o indivíduo, tornam bem claras as tendências do amanhã: corporatividade do mundo. Colmeização. (LOBATO, 2009, p. 243, grifo do autor).

É significativo que os personagens de *América*, ao discutirem o processo de “colmeização”, recorram aos relatos de *Walden* (1854), de Henry David Thoreau. Nessa obra, narra-se a experiência ficcionalizada do autor no período em que viveu às margens do Lago Walden, entre os anos de 1845 e 1847. Consta que, nesse local, ele construiu sua própria cabana, alimentou-se a partir do que cultivava, gastando apenas o necessário à sua sobrevivência, dispensando, assim, o que considerava supérfluo.

O movimento realizado pelo eu-ficcionalizado de Thoreau, de viver quase isolado, evidencia o seu descontentamento quanto aos rumos da sociedade norte-americana da metade do século XIX. Ao se afastar da civilização, Thoreau demonstra a sua insatisfação quanto àquilo que via como resultado do progresso e do desenvolvimento, isto é, os desatinos cometidos contra a natureza e o ser humano, causados pelo advento de um consumismo que ele descreve como viciante e vicioso.

Ao incluir a história de Thoreau em *América*, motivado pelo lugar em que eles se encontram, o narrador afirma compreender a atitude desse autor em se isolar; para ele,

A disciplina social exaure. O chamado progresso não passa duma escravização mais apertada, que as massas consentem e aplaudem e, portanto, impõem à

minoría individualista. Conheço a obra de Thoreau. É o meu homem em momentos de desespero. (LOBATO, 2009, p. 242-243).

A independência de pensamento, representada, em *América*, pelo estilo de vida adotado por Thoreau, o qual Mister Slang descreve como “independência pessoal”, apresenta-se como um movimento contrário àquele realizado pela civilização norte-americana, que avançava em direção à conformidade das massas, ao “ideal coletivo” (LOBATO, 2009, p. 243), recuando, dessa forma, em subjetividade.

Ao expor os dois extremos da situação, de um lado a vida que tende ao corporativismo, de outro a postura que evidencia certo individualismo, voltado à reclusão, Mister Slang argumenta que o progresso e o desenvolvimento têm os seus custos; as rápidas transformações por que passava a sociedade norte-americana cobravam o seu preço.

Resistir ou reagir a esse movimento, segundo afirma o inglês, “seria voltar as costas ao que vem vindo na frente por amor a fantasmas de lá atrás” (LOBATO, 2009, p. 244); o que se há de fazer é “descobrir novos caminhos para o indivíduo, criar um individualismo que aceite a vitória da ciência industrial e lhe descubra os meios de com ela caminhar de braços dados” (LOBATO, 2009, p. 244).

Os lados apresentados – o do isolamento e o do corporativismo – são ambos resultados indesejáveis, porém possíveis, da modernidade, experiência entendida aqui em concordância com a caracterização proposta por Marshall Berman (2007):

Ser moderno é viver uma vida de paradoxo e contradição. É sentir-se fortalecido pelas imensas organizações burocráticas que detêm o poder de controlar e frequentemente destruir comunidades, valores, vidas; e ainda sentir-se compelido a enfrentar essas forças, a lutar para mudar o seu mundo transformando-o em nosso mundo. É ser ao mesmo tempo revolucionário e conservador: aberto a novas possibilidades de experiência e aventura, aterrorizado pelo abismo niilista ao qual tantas das aventuras modernas conduzem, na expectativa de criar e conservar algo real, ainda quando tudo em volta se desfaz. (BERMAN, 2007, p. 21).

Essa visão de modernidade permite entender o retrato feito da sociedade norte-americana em *América*, pois considera o sujeito moderno como aquele que, ao mesmo tempo em que se sente seguro por estar inserido na modernidade (representada pelo progresso, pelas transformações sociais, pelo fortalecimento das “imensas organizações

burocráticas” e pelas manifestações culturais de massa), encontra-se desconcertado pela abundância e instabilidade de possibilidades a que está exposto e nas quais está inserido (BERMAN, 2007).

Independentemente do lado que se escolha, a vida agregada ou o exílio, haverá sempre consequências inseparáveis desse processo, uma vez que a modernidade, como afirma Berman (2007), é uma experiência paradoxal e dialética, que está em todos os lugares, afetando uns mais do que a outros, sem deixar de mover todas as pessoas que dela fazem parte, mesmo aqueles que desejam, como Thoreau, se distanciar.

É a partir de Thoreau, mas não apenas, que os personagens de *América* vão discutir assuntos antes pouco explorados em seus diálogos, que dizem respeito a consequências do progresso, do desenvolvimento e da modernização acelerada. É através de sua inserção que temos certa relativização daquilo que até então pareceu um enaltecimento acrítico e exacerbado à modernidade alcançada pelos Estados Unidos daquela época. A menção a Thoreau carrega consigo a crítica ao movimento de vida agregada, à padronização e aos rumos da modernidade, principalmente no que diz respeito à perda da subjetividade em favor da submissão a padrões industriais e sociais. Nesse sentido, não parece aleatório que o capítulo imediatamente seguinte discuta a quebra da bolsa de Nova York, reiterando o tom melancólico com que os rumos do desenvolvimento desse país são avaliados no desfecho da viagem: “o livro de Lobato chega aos seus capítulos finais com um toque de melancolia – que, segundo nos parece, funciona como um convite à releitura e reavaliação dos argumentos mais incisivos que o povoam” (MARTINS, 2017, p. 27).

## Conclusão

Este trabalho buscou analisar *América*, de Monteiro Lobato, através dos elementos comuns a esse gênero literário, ou seja, por meio de aspectos que são normalmente encontrados nessas narrativas e que ajudam a caracterizá-las, tais como a ficcionalização da experiência de viagem, por meio da qual o autor convida o leitor a acompanhá-lo, através do pacto ficcional e da verossimilhança, por uma reflexão organizada sobre o deslocamento e seus efeitos; o exercício da alteridade, que pressupõe não apenas o contato com o outro, mas também a prática de colocar-se no lugar do outro (estrangeiro) e, a partir disso, compreendê-lo melhor; e o processo de formação cultural explicitado através do conceito de *Bildungsreise*, referência à reflexão que se faz

tanto daquilo que se aprendeu sobre o local visitado, tendo em vista seu lugar de origem e conhecimentos prévios, quanto daquilo que a partir dele se aprendeu sobre si e sobre sua nação, movimento realizado pelo narrador de *América*.

Diferentemente das leituras mais habituais que consideram *América* um conjunto de impressões biográficas ou uma apologia aos avanços industriais e econômicos da nação norte-americana, analisamos a obra, aqui, pela soma de suas representações ficcionais, que, a nosso ver, realiza um movimento duplo. De um lado, a viagem que busca mostrar os grandes feitos daquela nação, deixando transparecer certo deslumbramento dos personagens quanto aos índices do progresso e da modernização dos Estados Unidos, frente àquilo que os diferenciava das demais nações, em especial, a brasileira, configurando-se, nesse sentido, como um modelo a ser seguido, caso se desejasse alcançar semelhantes níveis de desenvolvimento. De outro lado, a viagem que discute os aspectos negativos, indissociáveis desse mesmo processo de modernização, matéria da qual a modernidade também é composta, sendo parte do que faz dela uma experiência complexa e paradoxal (BERMAN, 2007).

O movimento estrutural realizado pela obra – a apresentação das conquistas norte-americanas ao lado de suas consequências – parece convidar o leitor a refletir criticamente sobre essa “nova” realidade, em vez de simplesmente assumir uma posição de conformidade, aceitando como desejável tudo o que é exaltado pelos personagens em relação aos Estados Unidos. O movimento dialético convida, ainda, à reflexão sobre aquilo que se aprendeu durante a viagem: não a simples e indiscriminada adoção de soluções norte-americanas, mas a reflexão e escolha do que melhor se adéqua à sociedade brasileira.

O movimento dialético também evidencia o duplo deslocamento do narrador (e dos leitores) nessa viagem pela América. Primeiro, através da comparação entre Brasil e Estados Unidos. Segundo, pela reflexão sobre aspectos positivos e negativos do chamado “fenômeno americano”. Esses deslocamentos, para além de possibilitarem a descoberta da diversidade e o exercício de alteridade, refletem a experiência do indivíduo na experimentação da modernidade – sedutora e ameaçadora, contraditória e paradoxal.

## Notas

1 Tais como: *Odisseia* (século IX a.C.), de Homero; *Carta de Achamento do Brasil* (1500), de Pero Vaz de Caminha; *Dom Quixote* (1605-1615), de Miguel de Cervantes; *As viagens de Gulliver* (1726), de Jonathan Swift; *Cândido ou o otimismo* (1759), de Voltaire; *Viagens na minha*

*terra* (1846), de Almeida Garrett; *América* (1932), de Monteiro Lobato; e *Gato preto em campo de neve* (1941), de Erico Verissimo.

2 Os episódios de *América* são previamente apresentados em extensos títulos, que à maneira de ementas ou didascálias anunciam seus temas principais.

3 O conceito de *Bildung* foi sistematizado e analisado por Berman, mas é anterior ao seus escritos, tendo aparecido em Goethe, Hegel, Friedrich e August Schlegel e, também, em Nietzsche.

4 Tradução nossa: “Formação cultural e romance de formação”.

5 *Reise* pode ser traduzida como “viagem”.

6 Como se analisou em outro texto (MARTINS, 2017), a obra de Henry David Thoreau é mencionada de segunda mão em *América*, por meio de comentários a um discurso que divulgava e elogiava suas ideias.

## Referências

ABREU, Tâmara. Mr. Slang e o Brasil: um xeque-mate nacionalista. In: LAJOLO, Marisa (org.). *Monteiro Lobato, livro a livro: obra adulta*. São Paulo: Editora Unesp, 2014. p. 217-231.

ÁVILA, Myriam. *Diários de escritores*. Belo Horizonte: Associação Brasileira de Estética, 2016.

AZEVEDO, Carmem Lúcia de; CAMARGOS, Marcia; SACCHETTA, Vladimir. *Monteiro Lobato: Furacão na Botocúndia*. São Paulo: Editora Senac, 2001.

BERMAN, Antoine. *Bildung et Bildungsroman. Le temps de la réflexion*, Paris, v. 4, p. 141-159, Paris, 1984.

BERMAN, Antoine. *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo*. Tradução: Marie-Hélène C. Torres, Mauri Furlan, Andreia Guerini. Florianópolis: PGET/UFSC, 2013.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Tradução: Carlos Felipe Moisés, Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CAVALHEIRO, Edgard. *Monteiro Lobato: vida e obra*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955.

FELGUEIRAS, Carmen Lúcia Tavares. Os Arquitetos do Futuro: Os Estados Unidos segundo Eduardo Prado e Monteiro Lobato. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 27, p. 141-165, 2001.

JUNQUEIRA, Mary Anne. Elementos para uma discussão metodológica dos relatos de viagem como fonte para o historiador. In: JUNQUEIRA, Mary Anne; FRANCO, Stella Maris Scatena (org.). *Cadernos de Seminários de Pesquisa*. São Paulo: USP-FFLCH: Editora Humanitas, 2011. v. 2, p. 44-61.

LAJOLO, Marisa. Monteiro Lobato: um brasileiro em trânsito. *Ilha do Desterro*, Florianópolis, n. 57, p. 37-57, jul./dez. 2009.

LAJOLO, Marisa. *Monteiro Lobato um brasileiro sob medida*. São Paulo: Moderna, 2000.

LAMARÃO, Sérgio Tadeu de Niemeyer. Os Estados Unidos de Lobato e as respostas ao “atraso” brasileiro. *Lusotopie: Enjeux contemporains dans les espaces lusophones*, Paris, France, v. 9, s. n., p. 51-68, 2002.

LOBATO, Monteiro. *América*. São Paulo: Globo, 2009.

LOBATO, Monteiro. *O presidente negro*. São Paulo: Globo, 2008.

MACHADO, Álvaro Manuel; PAGEAUX, Daniel-Henri. *Da literatura comparada à teoria da literatura*. Lisboa: Edições 70, 1988.

MARTINS, Milena Ribeiro. O Brasil na América: imagens do Brasil e dos Estados Unidos na obra de Monteiro Lobato. *Brasil/Brazil: Revista de Literatura Brasileira*, Porto Alegre, v. 37, s. n., p. 59-71, 2008.

MARTINS, Milena Ribeiro. Monteiro Lobato e os Estados Unidos: espectador, leitor, tradutor. *Revista USP*, São Paulo, s. v., n. 112, p. 19-28, 2017. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/129725>. Acesso em: 22 nov. 2021.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. How Henry Ford is regarded in Brazil: a dimensão industrializante do pensamento lobatiano. In: LAJOLO, Marisa (org.). *Monteiro Lobato, livro a livro: obra adulta*. São Paulo: Editora Unesp, 2014. p. 203-213.

MINCHILLO, Carlos. Engenharia reversa em *O choque das raças*. In: LAJOLO, Marisa (org.). *Monteiro Lobato, livro a livro: obra adulta*. São Paulo: Editora Unesp, 2014. p. 187-200.

SCHEMES, Elisa Freitas. A literatura de viagem como gênero literário e como fonte de pesquisa. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 28., 2015, Florianópolis. *Anais do XXVIII Simpósio Nacional de História*. Florianópolis: ANPUH, 2015. p. 1-13. Disponível em: [http://snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1439245917\\_ARQUIVO\\_2.ARTIGOANPUH2015Elisa-Final.pdf](http://snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1439245917_ARQUIVO_2.ARTIGOANPUH2015Elisa-Final.pdf). Acesso em 7 nov. 2021.